

SINTOMAS & SINTONIAS de uma GERAÇÃO REVISITADA

Jomard Muniz de Britto¹

27

Estudos Universitários

Esboçamos uma leitura transversal entre gerações que preferiram dizer não aos que cultivavam o memorialismo enquanto transação de oportunidades. Ou mais grave: trama de oportunismos na fogueira de vaidades. Pelo vazio das novidades. Além e aquém da rima pobre de todas as idades. Qual o lugar do contemporâneo?

Rer 1962 em 2009 é um risco, talvez ameaçado por risos melancólicos. Sem medo de cativar o cosmopolitismo na província entre teorias e práticas, múltiplos letramentos e escrituras. Sem temer exercícios de caligrafia entre os links da internet. Que nos percam do desespero as concreções contundentes de Sebastião Uchoa Leite:

Para que serves senão indagar
a essência da poesia ou a essência da pulha
se são a mesma coisa?
Como distinguir no tempo as ficções do ser?

¹ Jomard Muniz de Brito integrou a Equipe inicial do Sistema Paulo Freire de Educação de Adultos na Universidade do Recife, atual UFPE. É professor aposentado do Departamento de Teoria da Arte e Expressão Artística e professor titular emérito da Universidade Federal da Paraíba. É autor de textos e produtos audiovisuais.

Ócios e práxis experimentando conflitos, mitologias, reverberações didáticas e redes popfilosofantes. Faíscas do tempo. Fulgurações entre ser e nada, como escapar dos desempenhos memorialistas?

Na capa em preto e verde-oliva, signos de um projeto construtivo de Orlando da Costa Ferreira: ESTUDOS universitários – Revista de Cultura da Universidade do Recife (atual UFPE) – 1 Julho-Setembro-1962. Para não ocultar a dominância gráfica dos ESTUDOS, reunindo no mesmo exemplar ensaios e resenhas, em tripartida configuração: rigor argumentativo, sedução escritural e dispositivos analíticos. 1962 em 2009. O verde-oliva da capa sugerindo uma exclamação do programador visual Anacleto Eloi que nos cedeu sua coleção. Sem esquecer o único poema editado, Teoria do Ócio, por Sebastião Uchoa Leite:

Para que serves senão finalidade inútil florescimento estético ou metafísico sem memória?

Com Apresentação do Reitor João Alfredo Gonçalves da Costa Lima situando... “a vivência da Universidade como um dos meios de formar o homem integralmente, permitindo-lhe sentir as perplexidades do complexo do ser”.

Tempos de esperança quando a experiência de vida podia aglutinar no mesmo período imaginário, enquanto sintoma em

sintonia, pensadores tais como Maritain e o jovem Marx, Gabriel Marcel e talvez Heidegger, Mounier e Álvaro Vieira Pinto... “pelo direito de pensar livremente, condições necessárias à formação de futuros e autênticos líderes”. Não apenas sonhos de um Reitor, mas possivelmente utopias da democratização cultural pelas vertentes de Karl Mannheim. Ou nas veredas do radicalmente nosso Paulo Freire. Expectativas de mudança,

reformas de base, planejamentos. A SUDENE intercalando Universidades e Movimentos de Cultura Popular.

Mas o texto seguinte, autoria do Secretário-Executivo, Prof. Luiz Costa Lima, se posiciona em termos de um realismo crítico ao contextualizar: “O Brasil de hoje se apresenta como

uma vasta estrutura em transformação. (...) “a presença em choque de duas mentalidades. Uma, ardilosa ou ingenuamente conservadora, outra crítica ou sentimentalmente aderida à transformação nacional”. Com parágrafo adiante, decisivamente empenhado: “A luta por uma cultura brasileira desalienada, autenticamente situada, não pode deixar de conter flagrantes contradições, notada-

mente em um órgão como este, cujos colaboradores não estão previamente unidos. Não apreciamos as contradições; expondo-as, porém, ao julgamento público possibilitaremos a sua diminuição e o seu posterior ultrapasse”.

Dos tempos de esperança aos desejos de autosuperação: quantos possíveis deslocamentos, traumas, trânsitos de ou para uma sociedade aberta?

Abril e maio são teus ensaios prediletos entre a paixão dialética e a razão pura.

1962 nos remeteria a 1922 através do *Prefácio de uma Tradução*. Texto de autoavaliação de sua obra germinal da juventude à maturidade – *Social Life in Brasil in the Middle of the 19th century* – Gilberto Freyre veio demarcar sem fronteiras seu lugar na História Universal da Cultura. Das culturas. Das instituições de pesquisa. Das Fundações de meta-universidades. “É o que o autor hoje verifica com maior alegria, ao ler trabalho escrito em idade ainda tão verde: não o turva nenhum cientificismo, embora só o pudesse, talvez, ter realizado quem juntasse à sensibilidade ao passado da sua própria gente formação rigorosamente científica em universidades estrangeiras”.

O melhor hermeneuta de si mesmo e de sua obra enciclopédica, Gilberto Freyre jamais seria cúmplice de qualquer forma de esquecimento: “Ao mes-

mo tempo, certo modo como que impressionista, de tentativa de reconstituição do passado mais íntimo e até mais sexual do brasileiro – modo tornado possível pela atitude empática do autor com relação aos fatos e, principalmente, ao elemento humano, uns e outro evocados mais com alguma saudade dos antepassados do que com sistemática repugnância pelo antigo só por ser antigo – já está presente no agora intitulado *Vida Social no Brasil nos meados do século XIX*”.

Empatia. Gestaltismo. Interpenetrações. Tempo trípico. Stº Antônio de Apipucos no mapa mundi: dos regionalismos ao além do apenas moderno.

**Coração do ser pulsando em movimento,
só em pensar permanece imóvel:
o espírito cria imobilidade.
A água não se recorda de si mesma,
reflete sem memória, não há tempo
mas ato puro, eterno presente.**

Para melhor confirmar a onipresença de Gilberto e seu legítimo reconhecimento pela Revista em questão, o estudo de Gadiel Perruci – *Uma Europa Nova* – está impecável na perspectiva de superação de todos OS ISMOS, do “cidadão de uma pátria chamada Trópico”. Entre os ismos sem aspas não apenas imagismos, impressionismos, mas sobretudo capitalismo e comunismos. Tempos conturbados em 1962. Gilberto teve coragem para suportar o civil-militarismo

em 1964. A seu modo, acima e abaixo dos ideologismos? Ou apenas dos idioletos?

Celso Furtado, brasileiro de

**Existe, é certo, uma paixão inútil:
Os ardentes amam a feiúra
mas outros só podem amar a crueldade.**

competência universitária internacional, além das literaturas e filosofemas, investe sua criticidade em *Reflexões Sobre A Pré-revolução Brasileira*. Então ficamos sabendo que “o desenvolvimento de que tanto nos orgulhamos, ocorrido nos últimos decênios, em nada beneficiou três quartas partes da população do país”. Entre 1962 e nossa contemporaneidade, o que fazer se “os

grandes contratos de obras públicas passaram a ser fonte corrente da acumulação rápida de fortunas dentro e fora do Governo”? Enquanto Celso afirma, continuamos indagando por ele mesmo: “em outras palavras: a nossa impotência em face do impasse mundial tem como reverso uma maior margem de liberdade no que respeita à determinação dos próprios objetivos. E como soe acontecer, essa margem maior da liberdade traz consigo uma

consciência mais clara da responsabilidade”.

Essa pré-revolução brasileira

enfrentava não apenas os sons dançantes da bossa nova, dos frevos e cirandas, mas sobretudo os impasses da ética na política, do planejamento para o desenvolvimento em conjunto, da educação como prática da liberdade, da Universidade abrindo horizontes d’O Gráfico Amador ao Movimento de Cultura Popular.

Enquanto Claudio Souto fundamenta e apresenta a viabilidade de *Um Projeto de Lei Agrária para o Estado de Pernambuco* através de “princípios jurídicos básicos”, em texto mais inquietador Vamireh Chacon expõe a radicalidade de suas indagações:

“Por que nunca se falou tanto em ‘reformas de base’, no Brasil, e elas não vêm? Esta pergunta com frequência morde o subconsciente de muita gente, ou mesmo explode em ostensivas impaciências. Por que???”

Entre os dois intelectuais participantes, Claudio e Vamireh, tão acesos por nossas contradições, surge a figura que continua até hoje paradigmática em busca de

nossa fundamental democratização: Paulo Freire.

Tempos de criticidade ritmando com amorosidade. Da Revista que tentamos resenhar alguns textos – ESTUDOS Universitários, 1962 – Paulo Freire escreveu *O Professor Universitário Como Educador*. Diálogo e criticidade são suas palavras geradoras, tais como seriam, segundo a pedagoga-psicanalista Dulce Campos, as situações-limite da compreensão antropológica do Sistema Paulo Freire de Educação de Adultos.

Impossível resenhar, como talvez desejássemos, toda a pluralidade temática do número inaugural da Revista ESTUDOS Universitários da Universidade do Recife, atual UFPE, lançado em 1962 e que agora ressurgiu ou se reinventa. Nossa percepção seletiva não foi capaz de encarar, reler e fruir do caráter pluralista, polêmico e instaurador entre altas culturas e as mediações interdependentes no e do meio acadêmico para o INTEIRO AMBIENTE, segundo expressão do pensador Fábio Coelho, de nossas contradições transformadoras e sobretudo das múltiplas contra-dições de linguagem. Mas o NÃO da abertura desse texto, por uma imprecisa dialética da negatividade, em nossos maneirismos existentes, continua sempre atento, alerta e frágil, mas sem medo de temer a sorte...

Geração revisitada? 1962/2009

de todas as barras, cortes, exílios e autoexílios, sofrimentos e oportunismos. Nação Brasil. Nação Pernambuco, assim prefere o discurso oficioso. Da nação sempiternamente cruel em suas apartações e desigualdades.

Interações, interpenetrações mais

das privacidades. Para evitar o eterno retorno do apocalipse em 2012 nas telas e nos sem teto, por que NÃO rememorar mais um fragmento recortado do belo e amargo poema-testamento de época do Sebastião Uchoa Leite?

Talvez nos reste apostar na es-

Assobiamos uma fuga de Bach
e sorrimos ante a lembrança do futuro
porque sorrimos ante a idéia da morte.
Bela é a fúria da máquina
que intenta apanhar-nos em nosso destino.

...

do que perigosas entre política e marketing. Jornalismo e Publicidade. Artes e Mercadorias. Dualidades intransigentes. Globalização do politicamente correto. Anarquismos no liquidificador. Cosmopolitismo dos pobres e das classes médias carecendo dos fundos de incentivo governamental. Paródias em nova tipologia das culturas chapa branca. Inventores auto-proclamados. Mestres e diluidores embalados pelos orçamentos participativos. Literaturas abaladas pela internet. Fundamentalismos revisitando seitas, dogmas, profecias. Depressionismos entre a física, as populares religiosidades, as academias e a carnavália do Bloco do Nada. A extensão audiovisual da psicanálise esquecendo e recordando o mal estar das civilizações e sifilizações. O mais banal de nossa psicopatologia da vida cotidiana continua sendo o hibridismo perverso que devassa a coisa pública em benefício

perança dos micropoderes. O resto é mar? Recife, outubro/novembro de 2009.